

NOTA DE PESQUISA

A VIVACIDADE E O SIGNIFICADO DA PELADA PARA A PERIFERIA DA METRÓPOLE GOIANIENSE¹

LA VIVACIDAD Y EL SIGNIFICADO DE LA PELADA PARA LA PERIFERIA DE LA METRÓPOLI GOIANIENSE

Alexsander Batista e Silva

Professor do curso de Geografia do Instituto de Estudos
Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás
Campus Samambaia Caixa Postal 131 / Goiânia – GO
E-mail: lexgeo10@gmail.com

Resumo

O objetivo desta nota é apresentar o trabalho de pesquisa que foi desenvolvido com o intuito de compreender a periferia da metrópole pela via do futebol peladeiro. Para tanto utilizamos, além das tradicionais metodologias como visitas de campo, entrevistas, registro fotográfico, a “experiência vivencial” a qual nos possibilitou vivenciar o objeto não apenas com o pensamento científico, mas com a sensibilidade e o sensível, com o corpo e com os pés. Verificou-se que o território das peladas furta o tempo e o espaço controlados pelo capital, apresentando-se aos sujeitos da periferia como uma das poucas possibilidades de lazer, encontro e sociabilidade. Nesse sentido, a pelada atribui vida e significado de cidade a cidade.

Palavras-chave: periferia, território, peladas de futebol e metrópole.

Resumen

El propósito de esta nota es presentar el trabajo de investigación que fue desarrollado para comprender la periferia de la metrópoli a través del fútbol “peladeiro”. Se utilizó, además de los métodos tradicionales, tales como visitas de campo, entrevistas, documentación fotográfica, la “experiencia vivencial” que nos permitió experimentar el objeto no sólo con el pensamiento científico, pero con la sensibilidad y sensible, con el cuerpo y los pies. Nosotros concluimos que el territorio de las “peladas” escapa del tiempo y espacio controlado por el capital, se convierte para los sujetos de la periferia como una de las pocas posibilidades para el ocio, reunión y socialización. En consecuencia, la “pelada” da vida y el significado de ciudad para la ciudad.

Palabras-clave: periferia, territorio, “peladas” de fútbol y metrópoli.

¹ Esta nota de pesquisa apresenta reflexões e discussões presentes na Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia do IESA/UFG sob a orientação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.



Introdução

Desde que me mudei de uma dessas tantas cidadezinhas do interior e vim morar na periferia da metrópole, um dos poucos lugares de convivialidade encontrado foram os espaços de futebol de pelada. Apesar de toda a lógica metropolitana (distância, isolamento, correria, mercado etc.) que tive de apreender e conviver diariamente, era nestes campos onde via a possibilidade de produzir e reproduzir os encontros, a sociabilidade, a festa e a alegria da carne por intermédio da velha bola de capotão. Esta companheira que veio na bagagem migrante quando parti da cidade pequena, se tornaria um modo de viver e conhecer a metrópole goianiense, uma nova morada. Abrandei a agressividade imposta pela grande cidade pelos bons encontros e amizades costuradas no circuito do peladeiro que sou.

Em outras palavras, poderia dizer que: como o espaço não é somente palco dos acontecimentos, ele, em suas ações e objetos, condiciona e restringe determinados eventos, assim como lança possibilidades a outros. Os eventos são, de alguma forma, marcados pelas características dos lugares que os acolhem. O espaço imprime suas marcas nos fenômenos. Dessa maneira, as peladas de futebol da periferia carregam também especificidades, entendendo que a criatividade, a solidariedade e a persistência que tanto marcam a vivência na periferia, transitam com grande vitalidade nas peladas de futebol da periferia proletária.

Na seqüência abriremos uma chave para falar sobre a metodologia empregada e construída, além de discorrer acerca da dispersão do futebol pelo mundo, assim como sua reprodução no Brasil, objetivando tratar do futebol peladeiro na metrópole goianiense. Posteriormente, abordaremos o elemento político da pelada, a pelada como subversão do tempo e do espaço, e, como alegria da carne.

Aspectos metodológicos

A pesquisa teve seu desenvolvimento nos moldes de um estudo de caso, privilegiando os elementos qualitativos. Entretanto, buscamos alargar a perspectiva do estudo de caso ligando-o a outras metodologias no intuito de construir metodologicamente uma visão plural, possibilitando, nesse sentido, uma leitura mais



ampla e diversificada dos territórios das peladas. O desenvolvimento da pesquisa constou de duas etapas: o trabalho de interpretação teórica e o trabalho de campo.

No trabalho de campo colocamos em prática o que denominamos “experiência vivencial”, que se apresentou situada nas proximidades da pesquisa participante, constituindo-se em uma técnica que permitiu ao pesquisador estabelecer uma relação de maior proximidade com o fenômeno. Em suma, ela abre a possibilidade de sentir o pulsar, de perceber os significados e apreender os nuances mais sutis dos momentos e movimentos do fenômeno da pelada, por um olhar situado em um ângulo privilegiado – o olhar de dentro do próprio fenômeno. experimentar o acontecimento da pesquisa torna-se o mote, pois o relacionamento entre sujeito e objeto da pesquisa se apresenta na intenção de vivê-lo não apenas com o pensamento científico, mas com a sensibilidade e o sensível, com o corpo e com os pés .

No caso específico da pesquisa que se propõe, mediante a experiência vivencial acompanhamos e participamos da pelada “por dentro”, como um legítimo peladeiro. Esse olhar localizado no interior dos territórios das peladas, carregado de sensações, emoções e sentimentos emanados diretamente da pelada, articulado com as observações realizadas fora do campo de jogo e das conversas com os peladeiros, nos permitiu uma leitura mais ampla de seus territórios. Assim, as informações provindas das descrições de observação extra-campo, das conversas com os peladeiros e com o relato da vivência direta na pelada possibilitou uma análise mais próxima do real.

A dispersão do futebol e os territórios das peladas

A Inglaterra, berço do futebol moderno, por meio de suas redes internacionais de comércio e de sua dominação imperialista difundiu o esporte pelo mundo a partir de meados do século XIX. Ao chegar ao Brasil o futebol depara-se com um território fragmentado e uma diminuta infra-estrutura urbana. Essa configuração territorial condicionou, nas primeiras décadas do século XX, sua estruturação. Em outras palavras, a realidade territorial do Brasil imprimiu sobre o futebol a característica do localismo, que pode ser facilmente percebida nas rivalidades clubísticas, largamente valorizadas pelas torcidas locais. O localismo, então, tornou-se uma estratégia que possibilitou construir, manter e ampliar os territórios do futebol.

Na contemporaneidade o futebol em Goiás, assim como no Centro-Oeste brasileiro, devido ao rápido e intenso processo de modernização do campo e da instalação de pólos industriais, recorta as paisagens dos mais diversos e longínquos espaços. O futebol é um esporte que imprime mais cor e movimento às paisagens das grandes cidades, podendo dizer que este é um elemento que mexe com as urbes. nos dias dos jogos há uma intensa agitação de cores, sons, movimentos. No entanto, ela respira futebol diariamente.

Não é somente em dia de jogos que o esporte recorta a paisagem das cidades tornando-se parte do cotidiano citadino, pois durante toda a semana constitui-se como tema principal das rodas de conversas – são as piadas sobre o rival que foi derrotado, compra e venda de jogadores, os apoios e protestos das torcidas organizadas, etc. O campo de futebol une-se ao velho prédio da cadeia e à pracinha com igreja para compor a paisagem das pequenas cidades, vilas, povoados, fazendas e aglomerados rurais. Outrossim, é produzido e reproduzido como jogo informal em praticamente todos e quaisquer espaços.

É inegável a relação entre o futebol e o Brasil. Ao que parece, existe um elo que liga esse esporte à alma do povo brasileiro, o que pode ser facilmente percebido pela presença constante que ele tem no dia-a-dia. A esse respeito, Castro (1962), afirma que “o futebol é a maior atividade coletiva do país e, portanto, coisa essencial contida no centro da existência cotidiana”.

A força com que o futebol se projeta no âmbito do vivido do brasileiro se dá tanto em nível do futebol tanto entorno de sua territorialização profissional, quanto amadora. A instância profissional do futebol alimenta a paixão das torcidas dos grandes times, incita debates diários sobre os jogos dos diversos campeonatos, aproxima estranhos pela afinidade clubística etc. Já o futebol amador, a pelada, apresenta sua pujança pela enorme quantidade de campos, ou melhor, de espaços destinados à sua prática, e o grande contingente de indivíduos que jogam bola somente por prazer. Os campos espalham-se tanto pelas cidades como pela zona rural, pelo centro da urbe e, principalmente, pela periferia, em locais voltados especificamente à sua prática ou improvisados.

Na prática informal/amadora do esporte acontece com frequência o processo de refuncionalização dos espaços, termo utilizado por Santos (1997). Os peladeiros, na

construção de sua territorialidade, imprimem uma transformação aos espaços, edificando, assim, os territórios das peladas que, às vezes, são possuidores de um horizonte espacial e temporal efêmero como, por exemplo, um jardim, uma calçada, uma rua, um lote baldio...

A rua, por exemplo, tem como função principal servir ao tráfego de veículos e pessoas, todavia, nas tardes dos finais de semana e feriados, principalmente, é apropriada pelos amantes da bola, passando a figurar como espaço para a prática das peladas. Ganha, portanto, temporariamente, nova função, passando a se constituir, também, em um território das peladas.



Ilustração 1 - Futebol de pelada na rua - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

No que concerne à disputa por espaços na cidade e, em particular, na periferia, a pelada figura como um fenômeno que participa desse jogo. Ao ser praticado na calçada, o jogo de bola entra em conflito com os pedestres; quando ocorre num lote vazio, trava-se um embate com o proprietário no momento em que este resolver construir naquele espaço; já as peladas praticadas na rua disputam espaço com os veículos (ilustração 1). Isso sem falar nas desavenças que quase sempre acontecem com a vizinhança por conta, principalmente, de bola, que vez ou outra quebra uma vidraça, cai em algum quintal ou acerta um passante.

O poder circula nas mais variadas dimensões relacionais da pelada. Desde a posse da bola, passando pelos embates no campo de jogo, até a disputa por espaço com outros atores sociais. Em decorrência do aspecto do imprevisto com relação ao local para sua prática – a refuncionalização dos espaços –, a pelada cria situações conflituosas com



os demais atores sociais que ocupam os mesmos territórios. Os peladeiros figuram dentre os diversos grupos que se colocam na disputa por espaço na metrópole

O fazer político da pelada

A metrópole guarda uma enorme diversidade socioespacial, pois é o espaço em que as atividades de todos os capitais e trabalhos, bem como a circulação incessante de símbolos de diferentes estirpes sociais encontram eco e se realizam.

Com tal pujança atrai e acolhe os pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. A presença dos pobres na grande cidade a enriquece, dando-lhe um tom a mais na heterogeneidade desse espaço urbano, a qual se manifesta na materialidade dos bairros e locais contrastantes, assim como nas distintas formas de vida instituídas nos diferentes lugares da cidade. Com isso, ampliam-se as possibilidades e as vias de comunicação, interação e produção de subjetividade.

A periferia apresenta-se como *locus* privilegiado de produção e reprodução do fenômeno das peladas. A vivência na periferia tece novos contornos na relação com os símbolos do afeto, da emoção, da relação com a cultura de massa, dos modos de operar a linguagem, de desenvolver o lazer, de estabelecer pontes de contato com o mundo, de desenvolver identidades, pertencimentos, ou de disputar lugares no grupo, indicando a dinamicidade da pelada na paisagem da cidade. Conforme Anjos e Chaveiro (2006, p. 195), a periferia proletária é um mundo dentro do mundo, um câmbio e um intercâmbio, onde a existência humana às vezes dribla a dor com gestos de solidariedade.

Ao contrário do ideário que circula no senso comum a periferia é um lugar rico, em vivências, afetividade, criatividade. E como já dissemos anteriormente, a pelada é um fenômeno muito presente na periferia das cidades, e que em decorrência disso, os territórios peladeiros possuem grande significado para tais localidades. O acontecer peladeiro produz um componente político de enorme importância para a periferia. Isso se dá por duas instâncias: a subversão do tempo e do espaço e, as alegrias da carne.

A subversão do tempo e do espaço



A acirrada disputa por espaços no mundo urbano/contemporâneo, principalmente nas metrópoles, gera um novo esquadramento na cidade. Devido à voracidade do capital privado em sua territorialização, como no caso de região metropolitana de Goiânia, a tendência seria do desaparecimento das peladas em espaços como ruas, calçadas, lotes baldios.. Contudo, a paisagem que observamos ao transitar pela metrópole, principalmente na periferia e ao cair da tarde, é repleto de futebol de pelada. Ou seja, mesmo com todos esses cenários pouco propícios, os territórios das peladas acenam como uma espécie de resistência/persistência.

As peladas são manifestações da existência que se inserem no espaço como um dado importante na medida em que furta o cotidiano controlado e liberal, testemunhado pela operação do trabalho e dos fluxos que são gerados para garantir a sociabilidade na metrópole. Essa importância possui outro sentido existencial: colocar os pares, os sujeitos proletarizados e empobrecidos em contato uns com os outros. Essa ação é uma das formas de se opor ao regime de violência que sujeitos de uma mesma classe social, sem perspectivas sociais e fundados no regime de fragmentação, desenraizamento e com poucas possibilidades de galgar um lugar ao solo que lhes fomentem uma vida digna, são destinados à bola.

Porém, o que destaca mais é que o peladeiro se junta ao Outro e reconhece nele o que ele, socialmente, é. Em muitos casos, as trajetórias nos bairros e o conhecimento de seus sujeitos ganham, nas peladas, o centro mais aglutinador, uma vez que, no regime de trabalho, há, indubitavelmente, a separação.

O padrão de ocupação urbano comandado pelo capital incide não somente sobre a residência, mas também no lazer e na sociabilidade. Há uma escassez cada vez maior de espaços públicos onde os cidadãos podem se encontrar e festejar. De certa maneira, as peladas no mundo contemporâneo entram na lógica do capital, sendo realizadas, também, em espaços privados. Isso não significa, porém, que as peladas dos espaços públicos perderam seu vigor.

A pelada promove a subversão do tempo e do espaço controlado, ordenado, agendado, instituído. Pois elas acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar, ou seja, ocorrem a despeito dos ditames do capital. O tempo do capital, o qual orchestra e adentra em praticamente todos os recantos e atividades do mundo contemporâneo, ao que parece pouco interfere nas peladas. Isso na medida em que elas podem acontecer



em quaisquer dias e horários. Outrossim, as peladas furtam também o espaço instituído pelas do modo de produção vigente. Ao usar o lote baldio de que desconhece o proprietário (ilustração 2), para a realização de um evento coletivo e alegre, distende, pelo menos no momento do jogo, a tirania da propriedade privada e das funções urbanísticas da renda fundiária urbana.



Ilustração 2 - Subversão do tempo e do espaço no lazer possível da pelada.
Lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexsander B. e Silva

Essa subversão do tempo e do espaço construídos socialmente culmina com o que Barcelos (2006) chama de “fazer política na fresta” por meio de “devires-moleques”. Esse processo, segundo a mesma autora, é da possibilidade de cada um. O importante é criar um agenciamento para “inventar artimanhas na fresta”, possibilidades reais de sujeitos sofridos, vilipendiados, explorados, golpear o sofrimento, distender dores, criar espaços de comunicação e de prazer onde o controle parece reinar. Nisso entra o papel de brincar – e da brincadeira na construção destes espaços de resistência.

As alegrias da carne

Ao estudar o futebol de rua na periferia de São Paulo, Tokuyochi (2006, p. 19) sinaliza que o futebol promove o lazer, assim como tece uma rede de sociabilidade. “Falar em lazer na periferia é falar em futebol”. O autor afirma ainda que “O futebol ainda é o grande responsável pelo desenvolvimento da sociabilidade nos bairros” (idem, p. 2). Tais afirmativas dão a dimensão de quão importante é o futebol de pelada para os

sujeitos da periferia, pois elas são umas das poucas oportunidades de práticas de lazer, são pontos de encontros. Na periferia proletária o território da pelada constitui-se em um dos locais onde as pessoas vão rever os amigos, botar o papo em dia, alegrar o corpo jogando bola, esquecer temporariamente os problemas diários, fugir do mundo do trabalho.

Magnani (1998) ressalta que os torneios de futebol de várzea constituem-se em importantes acontecimentos. O entorno do campo de jogo desde cedo ganha intenso movimento: moças, rapazes e crianças circulam entre as barraquinhas de milho verde, sorvete e pipoca: “Cenas como esta repetem-se todos os fins de semana nos bairros mais afastados, comprovando a vitalidade desta forma de entretenimento” (idem, p. 122). Mais um autor que atesta o papel que o futebol amador possui na periferia, como uma festa, um lugar de lazer e diversão no qual as pessoas vão para interagirem uns com os outros.

O futebol peladeiro possui a capacidade de se formar, a partir de um esforço partilhado de atores, mediante poucos recursos, ou quase nenhum; o engendramento de sujeitos proletários que, por meio dela, se comunicam na realização de um lazer possível; a possibilidade de, em um campinho de terra feito em um lote baldio, mas sob a organização de um sujeito poder ajustar o espaço para os jogos.

O certo é que a pelada afina-se enormemente com a vida e expurga o tempo produzido pelo capital. A vida na pelada pulsa em variadas intensidades, revelando-se no grande leque de emoções pronunciadas. Nesse jogo de bola aparecem a alegria, a tristeza, a realização, a frustração, a paixão, a raiva etc. O ser da pelada produz bons encontros, os quais Barcelos (2006) anuncia como sendo imprescindíveis à vida de fontes de criação. Enfim, o fazer político da pelada, com a negação do tempo do mundo, privilegia, rega, cultiva e valoriza a vida.

Tais aspectos dizem muito da subjetividade e da política do corpo advindos da prática do futebol de pelada. Sob esse prisma, a pelada figura para os sujeitos da periferia como um lazer possível, onde eles se encontram e festejam. Os territórios das peladas são espaços de subversão, nos quais o mundo trabalho não exerce controle e o corpo surrado pelo capital brinca e se liberta, realizando, assim, a alegria da carne.

No lazer possível proporcionado pelo jogo de bola peladeiro, os sujeitos da periferia se encontram, se comunicam e festejam. O corpo, explorado e enrijecido pela

pressão do capital, se liberta e se solta. A pelada torna-se um lugar da rebelião alegre do corpo. Os sujeitos explorados e vilipendiados pelo mundo do trabalho extirpam o sofrimento e a dor, substituindo-os pelo prazer e pela liberdade. É um momento da vida livre, do encontro e da festa. Representa o intervalo espaço-temporal em que o trabalho não tem controle.

Nesse sentido, pode-se afirmar que no campo exíguo de possibilidades o sujeito da periferia proletário joga, geralmente, livre dos preceitos mercantis, por isso é um jogo alegre, divertido, infantil, compatível com a cultura que o possibilitou (ilustração 3).



Ilustração 3 - Os sujeito da periferia na festa alegre da pelada.
Lote baldio - Mansões Paraíso / Ap. de Goiânia
Fonte: Trabalho de campo / 2006. Fotografia: Alexander B. e Silva

Na seara do brincar livre, peladeiros – na fresta do tempo e do espaço – se encontram com outra possibilidade de vida, descortinam virtualidades, sonhos. A vida pode aparecer com timbre de esperança e com insígnia de resistência – e de liberdade porque alegre.

Considerações Finais

O jogo de bola peladeiro atua na fresta do tempo e do espaço. O fazer político da pelada passa pela sua realização no interstício do tempo do mundo e da valorização da vida. No campo do brincar livre, os peladeiros liberam as tensões, frustrações, estresse, raiva e, ao mesmo tempo, jogam com os sonhos, a criatividade, a alegria. A pelada



apresenta-se como um grito de vida, persistência e liberdade que ressoa no mundo da metrópole.

Em decorrência de todos os elementos levantados, podemos dizer que a pelada é algo vital para a periferia proletária. É tão importante quanto recorrente, de modo que se podem observar dezenas de pessoas jogando bola, ou mesmo à beira dos campinhos de peladas, principalmente ao cair da tarde e nos finais de semana. Isso nos induz à seguinte afirmativa: a periferia é peladeira.

Para finalizar, entendemos que a pelada, principalmente da periferia, resgata na metrópole o sentido do encontro, da convivialidade, da troca e da festa. Ela atribui vida e significado de cidade à cidade.

Referências

ANJOS, Antonio Fernandes dos; CHAVEIRO, Eguimar Felício. A periferia urbana em questão: em estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 27, n.2, p.181-197, jan./jun. 2007.

BARCELOS, Tânia Maia. **Re-quebras da subjetividade e o poder transformador do samba**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CASTRO, Sílvio. **O futebol brasileiro: bicampeão do mundo**. Rio de Janeiro: Anuário da Literatura Brasileira, 1962.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. 2 ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 4. ed. - São Paulo: Nobel, 1997.



TOKUYOCHI, Jorge Hideo. **Futebol de rua**: uma rede de sociabilidade. 2006.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Recebido para publicação em março de 2010

Aprovado para publicação em abril de 2010